

CONTRIBUIÇÃO PARA A ANÁLISE DA VANGUARDA POLÍTICA DO CAMPO

O CENTRO POPULAR DE CULTURA DE SÃO PAULO participou, em novembro passado, do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte, colaborando de duas maneiras distintas: levou à cena "Mutirão em Nôvo Sol", peça teatral que narra os acontecimentos verificados em Santa Fé do Sul; e aproveitou a ocasião para estudar, através de uma pesquisa de opinião, aqueles que formam e comandam o exército de milhões nas roças e latifúndios do Brasil.

A exposição dos dados, então colhidos, é precisamente o propósito dêste trabalho.(1)

OS OBJETOS DA PESQUISA

Estudar a liderança efetiva do movimento camponês(2) é evidentemente tarefa das mais árduas, nas condições brasileiras, onde dificuldades de ordem geográfica e obstáculos derivados das discrepâncias regionais emparelham com o caráter pioneirístico que qualquer abordagem do tema, no momento, subentende.

De mais a mais, a juventude do próprio movimento não cristalizou, ainda, padrões e atitudes de conteúdo bem delimitado e passíveis de um reconhecimento preciso. Aliás, é exatamente essa relativa fluidez que tem dado origem a contravérsias, exploradas de um lado maliciosamente pelas forças políticas e sociais defensoras da atual estrutura agrária, e doutro por agrupamentos políticos, oriundos essencialmente da parcela intelectualizada da pequena burguesia, que buscam interpretar os acontecimentos verificados ultimamente no campo, como a demonstração cabal da maturidade de uma luta, carente apenas de um estímulo mais vigoroso, para se transformar no vetor decisivo da radicalização da revolução brasileira.

(1) Empreendimento coletivo, à semelhança de todo estudo do gênero, esta pesquisa contou com a dedicação de Hanna P. Chasin, a participação de Júlia Duboc e a colaboração de Francisco de Assis e demais componentes do elenco teatral que se deslocou para a sede do conclave, membros êstes, então, dos teatros Brasileiro de Comédia e Oficina, que, no lado de um grupo de estudantes mineiros, constituíram o quadro de entrevistadores necessário para o trabalho de "campo."

(2) Empregaremos o termo camponês, no decorrer de todo êsse trabalho, no seu sentido mais amplo e comum — aquele que vive e trabalha no campo —; usando-o não nos estaremos referindo a nenhuma classe ou camada social específica e bem definida.

Conscientes desses inúmeros empecilhos, desde o planejamento do estudo, impusemo-nos modéstia de objetivos. Deliberamos circunscrever a *enquête* a poucos aspectos, limitando ao máximo as áreas de indagação e permanecendo no nível das generalidades, fugindo destas apenas como técnica de controle. Em última análise, elaboramos uma pesquisa-piloto.

Os resultados obtidos corresponderam, ainda que provavelmente o leitor nada encontre de novo ou original, nada que já não seja de seu conhecimento. No entanto, o valor que possa ter essa pesquisa não se situa no nível da "descoberta", residindo sua tônica na "comprovação" e na "sistematização", e principalmente na apresentação de elementos a partir dos quais análises mais profundas, exames mais categorizados e reveladores tornam-se possíveis em termos científicos.

Pôsto isso, torna-se claro em que amplitude e sentido foram as três áreas de interesse fixadas para o estudo:

- A — Levantamento de algumas características sociais, econômicas e culturais da vanguarda camponesa;
- B — A concepção da vanguarda dos problemas do homem do campo;
- C — Nível de politização da vanguarda.

MÉTODO

Tratando-se de uma pesquisa de opinião, isto é, de uma busca de depoimentos, realizada em condições especiais como as de um congresso, impôs-se a técnica das entrevistas pessoais, disciplinadas por meio de um questionário padrão.

A confecção do questionário processou-se em três etapas. Na primeira, determinados os objetivos da pesquisa, elaborou-se um projeto de questionário que, na fase intermediária, foi pôsto a prova na Conferência Estadual de São Paulo, preparatória do Congresso de Belo Horizonte. O teste teve como finalidade determinar as qualidades de funcionamento do projeto, ou seja verificar se as perguntas formuladas provocavam respostas correspondentes às áreas fixadas para a investigação. Na base do material colhido, alteraram-se alguns aspectos do questionário inicial e configurou-se o definitivo.

DIFICULDADES DO TRABALHO DE "CAMPO"

Para que os elementos coligidos possam ser avaliados com maior precisão, cabe fazer referência a duas ordens de problemas que presidiram e de certa forma entravaram o trabalho de "campo."

De um lado, os delegados ao Congresso manifestaram enorme resistência, negando-se a se submeter às entrevistas, embora tivéssemos obtido da Mesa Diretora dos Trabalhos não apenas a permissão de aplicar os questionários, como também o seu apoio e cobertura, manifestados inúmeras vezes pelos alto-falantes do recinto.

Fomos inclusive, por vezes, maltratados. Alguns dos trabalhadores presentes, mais calejados e com certeza já embaídos em outras oportunidades, chegaram a nos acusar de "provocadores" e "policiais". Um deles, mulato rijo de mais de cin-

qüenta anos, rosto quadrado, resumia a questão, sem sombra de dúvidas: "Prá que estatísticas? Nós não queremos estatísticas, queremos terra!"(3)

Tivemos sucesso apenas quando notamos ser monolítico o comportamento das delegações, isto é, improdutiva a abordagem individual de seus componentes, fazendo-se necessário atingir o conjunto da representação.

Foi através de um árduo trabalho de esclarecimento dos chefes de delegações que nos fizemos entender, obtendo, em seguida, as entrevistas desejadas.

A segunda questão prende-se à qualificação dos entrevistadores, na maior parte constituídos por elementos que exerceram a função pela primeira vez. O esforço desenvolvido por cada um possibilitou, em parte, a superação de deficiências fáceis de imaginar. Mesmo assim, 25% dos questionários preenchidos foram inutilizados para que óbices de várias ordens não fôssem introduzidos nos resultados finais.

A AMOSTRA

Tendo a pesquisa por objetivo, entre outros, examinar as reações dos delegados diante do espetáculo teatral, e havendo sido a apresentação fixada para a noite anterior a do encerramento do Congresso, restou apenas um dia para a realização do trabalho de "campo."(4)

Mesmo assim, obtiveram-se 120 entrevistas, das quais, como já indicamos, apenas 90 foram aproveitadas e constituem, portanto, a amostragem deste estudo.

Participaram do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas mais de 1500 delegados, tendo sua chegada a Belo Horizonte se verificado inclusive durante o último dia dos trabalhos.

Na manhã do segundo dia, quando tentamos um levantamento, o mais rigoroso possível, das delegações, registramos a presença de 1036 delegados, distribuídos por Estado como figura no Quadro I.

Na mesma tabela o leitor encontrará também o número de entrevistas colhidas por Estado.

(3) Semelhante comportamento, é óbvio, constitui um dado de grande importância para a análise. Revela, no mínimo, cautela e prudência. Demonstra que, pelo menos no nível de liderança, o homem do campo, no Brasil, vem adquirindo senso de disciplina e noção de trabalho político organizado.

(4) Mais precisamente: cerca de cinco horas, em função das dificuldades de recrutamento e instrução dos entrevistadores. Esclarecemos também que os dados referentes às reações dos delegados diante do espetáculo teatral não serão apresentados neste artigo por se tratar de matéria de interesse bem localizado, orientadora para o Depto. de Teatro do CPC.

QUADRO I

NA MESMA TABELA O LEITOR ENCONTRARÁ TAMBÉM O NÚMERO DE ENTREVISTAS COLHIDAS POR ESTADO.

<i>ESTADO</i>	<i>Número de Delegados</i>	<i>Amostra (número de entrevistas realizadas)</i>	<i>% de participação do Estado na amostra</i>
Pará	15	1	1
Maranhão	5	1	1
Piauí	1	—	—
Ceará	12	1	1
Rio Grande do Norte	17	5	6
Paraíba	30	2	2
Pernambuco	104	13	14
Alagoas	10	—	—
Sergipe	3	—	—
Bahia	11	1	1
Minas Gerais	307	13	14
Espírito Santo	80	1	1
Rio de Janeiro	201	13	14
Guanabara	10	1	1
São Paulo	95	13	14
Paraná	35	8	10
Santa Catarina	1	—	—
Rio Grande do Sul	34	—	—
Mato Grosso	10	6	8
Goiás	40	11	12
Brasília	15	—	—
TOTAL	1.036	90	100

Para facilitar o manuseio e a visualização dos dados dividimos as entrevistas segundo sua procedência geográfica, agrupando-as em áreas, abaixo descritas.

QUADRO II

<i>ÁREAS GEOGRÁFICAS</i>	<i>ENTREVISTAS</i>	
	<i>N. A.</i>	<i>%</i>
Norte-Nordeste (a)	23	26
Leste (b)	29	32
Sul (c)	21	23
Centro-Oeste (d)	17	19
TOTAL	90	100

(a) Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

(b) Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara e Bahia.

(c) São Paulo e Paraná.

(d) Mato Grosso e Goiás.

A — LEVANTAMENTO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS,
ECONÔMICAS E CULTURAIS DA VANGUARDA POLÍTICA
DO CAMPO

Esta primeira parte do estudo resume-se quase que exclusivamente a uma coleção de dados numéricos.

Não só a fragilidade estatística dos mesmos impede maiores conclusões, como também os critérios estabelecidos para a formação das delegações não são de ordem a validar generalizações mais amplas.

Não houve, nem poderia ter havido, quando da constituição das delegações, a preocupação de fazê-las refletir, em termos proporcionais, qualitativa e quantitativamente a estrutura político-social do campo de cada um dos Estados representados. Em outras palavras, as delegações não eram "amostras" estatisticamente compostas. A aglutinação deu-se bastante ao acaso e sob pressões, repressões e insuficiências organizativas que, se de um lado não permitiram a formação de delegações-amostras, doutro evidenciaram os reais e mais ativos contingentes políticos, atualmente, em exercício no campo.

Em última análise, os dados que se mostram a seguir devem, por tudo isso, ser tomados com cautela, entendidos mais como perfil do próprio Congresso, embora seja provável a comprovação das tendências mais acentuadas em levantamentos mais amplos e rigorosos.

CARACTERES SÓCIO-ECONÔMICOS

1 — *Proprietários e Não Proprietários*

Do ponto-de-vista da característica em epígrafe nossa "amostra" divide-se em:

QUADRO III

	N. A.	%
Proprietários	13	14
Não Proprietários	58	65
Posseiros	12	13
Delegados que não trabalham na terra (+)	7	8
TOTAL	90	100

(+) Ferroviário, pintor, operário, carroceiro, dono de boteco, trabalhador em salinas e um de profissão não declarada.

Os representantes despossuídos retratam trabalhadores rurais das seguintes categorias:

QUADRO IV

	N. A.	%
Assalariados	17	29
Arrendatários	16	28
Meeiros	12	21
Terceiros	3	5
Jornaleiros	3	5
Parceiros	3	5
Empreiteiros	2	3
Trabalhadores em terras do Estado	2	3
TOTAL	58	99

Tomadas, em conjunto, as indicações referentes à categoria de trabalho e origem geográfica constata-se que entre os delegados da região Norte-Nordeste predominam os proprietários e os arrendatários, na Leste os meeiros e os arrendatários, na Sul os assalariados e na Centro-Oeste os posseiros.

Semelhante fato postula obviamente algumas indagações. No entanto, a limitação estatística dos dados leva-nos a silenciar para que à guisa de explicações não ofereçamos especulações, tripudiando sobre a natureza do método de investigação escolhido. Dito de outro modo, a interpretação desses fatos subentende desde logo duas exigências: a confirmação dos próprios fatos, através de extensa coleta de dados do mesmo tipo, e o estudo rigoroso, de caráter totalizante, de cada uma das regiões apontadas, considerados, como é necessário em abordagens do tipo, os aspectos infra e superestruturais.

Não é este evidentemente o alcance dessas notas. Contentamo-nos em expor fatos sem lançar mão de condenáveis malabarismos metodológicos que, pelo caráter híbrido, algumas vezes assumido, têm condenado trabalhos que de outro modo teriam real valor.

A insuficiência do método que fomos obrigados a escolher impõe-nos terríveis limitações. Mesmo assim cremos útil a realização da tarefa a que nos propomos dada a insipiência dos estudos do tipo em nosso País. Trata-se, nestas circunstâncias, de determinar uma espécie de tipologia da consciência política do homem do campo, sabendo, entretanto, que uma verdadeira definição dos tipos só é alcançada através de uma visão totalizante dos fatos que impõem a consideração de suas múltiplas inter-relações.

Voltemos, no entanto, ao nosso problema específico. Referiamo-nos à predominância de certos tipos de trabalhadores rurais, na qualidade de delegados ao Congresso de Belo Horizonte, em cada uma das quatro regiões delimitadas. Gostaríamos, ainda, de ressaltar que, em termos gerais, isto é, tomada unitariamente a "amostra", patentiza-se a maior presença dos assalariados e arrendatários, seguidos de perto pelos pequenos proprietários.

O Quadro V espelha com pormenores essas reflexões.

QUADRO V

	<i>Norte</i>		<i>Sul</i>	<i>Centro</i>		<i>TOTAL</i>	
	<i>Nordeste</i>	<i>Leste</i>		<i>Oeste</i>		<i>N.A.</i>	<i>%</i>
	<i>N.A.</i>	<i>N.A.</i>	<i>N.A.</i>	<i>N.A.</i>	<i>N.A.</i>		
Assalariados	5	4	6	2	17	20	
Arrendatários	6	6	3	1	16	19	
Proprietários	6	2	3	2	13	14	
Meceiros	2	6	1	3	12	13	
Posseiros	1	4	—	7	12	13	
Delegados que não tra- balham na terra ...	2	1	4	—	7	8	
Jornaleiros	1	2	—	—	3	3	
Terceiros	—	2	—	1	3	3	
Parceiros	—	—	3	—	3	3	
Empreiteiros	—	—	1	1	2	2	
Trabalhadores em terras do Estado	—	2	—	—	2	2	

2 — AS PROPRIEDADES

Restringir-nos-emos a indicar, no que diz respeito às propriedades, apenas o tamanho de suas áreas, não fazendo referências, pois não colhemos informações, ao tipo e volume de suas produções.

Entenderemos também como propriedades, dentro dos estreitos limites deste tópico, as terras ocupadas pelos delegados posseiros.

QUADRO VI
TAMANHO DAS PROPRIEDADES

<i>Áreas em ha</i>	<i>Proprietários</i>		<i>Posseiros</i>	
	<i>N.A.</i>	<i>%</i>	<i>N.A.</i>	<i>%</i>
De 1 a 10	4	31	6	50
De 11 a 50	4	31	1	8
De 51 a 100	2	15	1	8
Mais de 100	1	8	—	—
Não Especificadas	2	15	4	34
TOTAL	13	100	12	100

Anote-se que os lotes de maior extensão pertencem, na maioria das vezes, à região Norte-Nordeste.

3 — O TRABALHO NAS PROPRIEDADES

Como testemunha o QUADRO VII os lavradores que exploram a terra por conta própria (proprietários e posseiros) são, na sua esmagadora maioria, a mão-de-obra fundamental das propriedades. Seguem-nos parentes bem próximos, principalmente a prole e as espósas.

Todavia, os pequenos proprietários de nossa amostra valem-se, num bom número de vezes, de lavradores sem terra, mantendo com estas relações de trabalho as mais variadas, predominando, no entanto, o assalariamento e o contrato por jornada, se bem que registremos também as formas conhecidas por arrendamento e empreitada.

QUADRO VII
A MÃO-DE-OBRA NAS PROPRIEDADES

	<i>Proprietários</i>		<i>Posseiros</i>	
		%		%
O proprietário	12	92	12	100
A espôsa	6	46	3	25
A prole	7	54	2	17
Outros parentes	3	23	1	8
Empregados	6	46	1	8
TOTAL DE LOTES ..	13		12	

4 — DURAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NO CAMPO

Quase três quartas partes dos entrevistados trabalham nove ou mais horas por dia, não havendo, sob êste aspecto, maiores diferenças entre proprietários, posseiros e trabalhadores sem terra. A decisão de sobreviver obriga-os a uma atividade extenuante. E é somente após uma média superior a dez horas cotidianas de trabalho que o brasileiro das zonas rurais se permite, e assim mesmo sob a ameaça concreta de repressões, o luxo de refletir e praticar a defesa de seus direitos económicos e políticos.

QUADRO VIII

<i>Duração da jornada de trabalho em horas</i>	<i>Trabalhadores sem terra</i>	<i>Proprietários</i>	<i>Posseiros</i>	<i>TOTAL</i>	
	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	%
De 6 a 8	10	2	2	14	16
De 9 a 11	25	3	8	36	45
Variável	4	2	1	7	8
Não declaradas	—	2	—	2	2
TOTAL	58	12	12	82 (*)	100

(*) Número de respondentes da amostra que trabalham no campo.

5 — MEMBROS DE FAMÍLIA QUE COLABORAM NA MANUTENÇÃO DO LAR

Já vimos anteriormente que os familiares dos pequenos proprietários e dos posseiros cooperam, em proporção significativa, nas lides próprias ao cultivo do solo. Neste parágrafo retrataremos, através do QUADRO IX, a ajuda efetuada na manutenção do lar pelos membros da família dos delegados que não possuem terras e pelos parentes dos posseiros que não trabalham no campo. Infelizmente os dados colhidos a respeito da natureza do trabalho dessas pessoas estão prejudicados por uma série de defeitos, permitindo apenas a indicação de que se registre

tanto a ligação a trabalhos agrícolas, como a serviços inteiramente desvinculados dessa ordem de produção. Assim, constatamos entre os parentes próximos dos delegados, que vivem e participam do sustento da mesma casa, os mais diversos tipos de trabalhadores rurais, bem como indivíduos que se deslocam diariamente para as zonas urbanas de seus municípios e vilas onde ocupam magros postos no parco mercado de trabalho local.

QUADRO IX
FAMILIARES QUE COOPERAM NA MANUTENÇÃO DA CASA

	<i>Trabalhadores sem terras</i>	<i>Posseiros</i>	<i>TOTAL</i>	
	N.A.	N.A.	N.A.	%
A Espôsa	13	1	14	20
A Prole	16	3	19	27
Outros Parentes	11	1	12	18
Ninguém	12	4	16	23
Não responderam	14	3	17	24
Número de Delegados considerados nesta questão	58	12	70	

6 — RENDA MENSAL

Puramente a título de curiosidade, pois não cometeríamos a ingenuidade de insistir em desnecessárias "comprovações" da miséria camponesa, focalizamos por meio do QUADRO X a renda mensal média dos componentes de nossa amostra.

Permitimo-nos, porém, chamar a atenção para alguns aspectos mais expressivos do problema: cerca de 60% dos delegados inqueridos declararam auferir mensalmente quantias não superiores a Cr\$ 6.000,00, sendo o fato particularmente generalizado entre os lavradores sem terra e entre os posseiros. Dos pequenos proprietários, devido à insuficiência estatística, pouco nos é permitido afirmar, todavia, ao que parece, se distanciam um pouco mais do que os primeiros da miséria total.

QUADRO X

<i>Renda Mensal em Cr\$</i>	<i>Trabalhadores sem terras</i>	<i>Proprietários</i>	<i>Posseiros</i>	<i>Delegados que não trabalham no campo</i>	<i>TOTAL</i>	
	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	%
De 12.500 a 15.000	58	13	12	7	90	100
Até 3.000	20	—	6	—	26	30
De 3.500 a 6.000	21	2	3	2	28	31
De 6.500 a 9.000	2	—	1	—	3	3
De 9.500 a 12.000	4	1	1	2	8	9
De 12.500 a 15.000	2	2	—	—	4	4
Mais de 15.000	1	1	—	1	3	3
Não declarada	8	7	1	2	18	20
TOTAL	58	13	12	7	90	100

O orçamento doméstico das famílias sustentadas por mais de uma pessoa é fortalecido, em geral, por quantias que também não ultrapassam Cr\$ 6.000,00 por indivíduo que trabalha. Entretanto, foi registrada uma parcela minoritária que contribui com salários que estão em torno de Cr\$ 11.000,00.

7 — Informações Complementares

Para que se torne possível uma visualização mais completa da amostra, bem como do cidadão brasileiro enquadrado, atualmente, nas fileiras de vanguarda do movimento camponês, fornecemos, adiante, uma série de dados de valor possivelmente secundário, mas que poderão talvez vir a ser úteis a estudos mais alentados.

QUADRO XI

a — ELEITORES E RESERVISTAS

	Sim		Não		Certificado de 3.ª Cat.		Não responderam	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
São Eleitores ...	68	75	17	18	—	—	5	7
Fizeram o Serviço Militar (*) ...	24	28	49	57	9	10	4	5

(*) Distribuição dos 86 homens que compõem a amostra.

QUADRO XII

b — ESTADO CIVIL DOS DELEGADOS

	N.A.	%
Casados	65	72
Solteiros	18	20
Amasiados	5	6
Viúvos	2	2
TOTAL	70	100

QUADRO XIII

c — IDADE DOS DELEGADOS E DOS CÔNJUGES

Número de Anos	Distribuição dos delegados por grupos de idade		Distribuição dos cônjuges por grupos de idade	
	N.A.	%	N.A.	%
Até 20	4	4	3	4
De 21 a 30	15	17	20	29
De 31 a 40	25	28	19	27
De 41 a 50	20	22	11	16
De 51 a 60	20	22	11	16
De 61 a 70	6	7	1	1
De 71 a 80	—	—	1	1
Não responderam	—	—	4	6
TOTAL	90	100	70 (*)	100

(*) Número de casados e amasiados.

QUADRO XIV
d — CREDO RELIGIOSO

Religião Declarada	Distribuição dos delegados por religião		Distribuição dos cônjuges por religião	
	N.A.	%	N.A.	%
Católica (*)	47	52	41	58
Protestante (**)	15	17	14	20
Espírita	8	9	5	8
Ateus	17	19	7	10
Não Responderam	3	3	3	4
TOTAL	90	100	70	100

(*) Alguns declararam-se não praticantes.

(**) Nas suas diversas ramificações.

QUADRO XV
e — A PROLE

Número de filhos	Distribuição das famílias por número de filhos concebidos		Distribuição das famílias por número de filhos vivos		Distribuição das famílias por número de filhos mortos	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
0	1	1	1	1	30	44
1	3	4	4	6	14	20
2	5	7	8	12	7	10
3	6	9	7	10	6	9
4	3	4	4	6	1	1
5	6	9	8	12	7	10
6	5	7	12	15	1	1
7	9	13	8	12	2	3
8	10	14	8	12	—	—
9	4	6	5	8	1	—
10	2	3	2	3	—	—
11	4	6	—	—	—	—
12	3	4	1	—	—	—
13	4	6	2	3	—	—
14	2	3	—	—	—	—
15	1	1	—	—	—	—
16	1	1	—	—	—	—
17	—	—	—	—	—	—
18	—	—	—	—	1	1
31	1	1	—	—	—	—
TOTAL	70	99	70	100	70	99
Número total de filhos concebidos					514	
" " " " vivos					392	
" " " " mortos					132	
Taxa de Mortalidade					25,1%	

QUADRO XVI
f — IDADE DA PROLE

ANOS	Distribuição da prole por grupos de idade	
	N.A.	%
Até 6	76	31
De 7 a 14	80	32
De 15 a 22	46	19
De 23 a 30	29	12
Mais de 30	16	6
TOTAL	247 (*)	100

(*) Número de filhos dos quais foi possível obter a idade.

CARACTERES CULTURAIS

1 — ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO DOS DELEGADOS

A situação de nossa amostra, em comparação com o alto grau de analfabetismo existente nas zonas rurais brasileiras, configura-se em termos excepcionais.

De cada quatro delegados inquiridos, aproximadamente três sabem ler, escrever e efetuar operações aritméticas. Evidentemente tais conhecimentos, em certos casos, são bastante superficiais e deficientes, porém não de ordem a impossibilitar totalmente a leitura, ainda que penosa, de um jornal, ou a redação primária de uma carta.

Pelo QUADRO XVII notará também o leitor que a habilidade mais difundida é a das operações aritméticas, em oposição a da escrita que, comparativamente às outras duas, é a de menor grau de assimilação. São com certeza as exigências da vida prática que acarretam semelhante disposição, por assim dizer, hierárquica dos conhecimentos.

QUADRO XVII

	Sim		Não	
	N.A.	%	N.A.	%
Sabem as Operações Aritméticas	72	80	18	20
Sabem Ler	68	76	22	24
Sabem Escrever	66	73	24	27

2 — ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO DOS CÔNJUGES

Bastante diversamente se apresentam as espôsas dos Delegados interrogados. Entre elas apenas uma de cada duas é alfabetizada ou pelo menos semi-alfabetizada. Veja-se o QUADRO XVIII.

QUADRO XVIII

	Sim		Não	
	N.A.	%	N.A.	%
Sabem as Operações Aritméticas	36	51	34	49
Sabem Ler	37	53	33	47
Sabem Escrever	36	51	34	49

3 — INDICE DE ALFABETIZAÇÃO DA PROLE

Computando-se os filhos com mais de sete anos de idade obtém-se o índice de 70% de alfabetização, bastante elevado para o quadro rural do País.

O QUADRO XIX registra a alfabetização da prole, distribuída por grupos de idade.

QUADRO XIX

ANOS	Alfabetizados		Analfabetos	
	N.A.	%	N.A.	%
De 7 a 14	51	30	29	17
De 15 a 22	28	16	18	11
De 23 a 30	25	15	4	2
Mais de 30	16	9	—	—
TOTAL	120	70	51	30

CONCLUSÃO

Relacionando os principais caracteres sociais, econômicos e culturais dos delegados que compõem a nossa amostragem, matéria dos tópicos até aqui expostos, resumidamente tomados na forma de suas tendências mais pronunciadas, construímos, apenas a título de ilustração, o componente individual médio da vanguarda política do campo.

O perfil de semelhante personagem configura um lavrador sem terras, principalmente das categorias dos assalariados e dos arrendatários.(5)

Trabalha este homem, em média, mais de dez horas diárias, auferindo, ao fim de cada mês, quantias quase sempre inferiores a seis mil cruzeiros.

É eleitor e não fez o Serviço Militar. Tem aproximadamente quarenta anos e sua esposa trinta, professando ambos a religião católica. Concebeu aproximadamente sete filhos, dos quais dois se perderam e quatro atualmente são menores de catorze anos.

Sabe manipular melhor as operações aritméticas do que ler, e ler melhor do que escrever.

B — A CONCEPÇÃO DA VANGUARDA DOS PROBLEMAS DO HOMEM DO CAMPO

Muito se tem falado da questão agrária brasileira.

Aproveitadores e aflitos do asfalto têm imputado aos trabalhadores agrícolas idéias, doutrinas e desejos.

Inúmeros são os que se outorgam o direito de representar e falar pelos trabalhadores rurais, mormente os que temem a palavra emitida a viva voz pelo próprio homem do campo.

(5) Na região Norte-Nordeste predominam os proprietários e os arrendatários, na Leste os meeiros e os arrendatários, na Sul os assalariados e na Centro-Oeste os posseiros.

O Brasil das grandes cidades conhece a miséria camponesa de ouvir falar, de narrativas melodramáticas, pondo-se muitas vezes a lamentar, quando não, o que é pior, a teorizar no vácuo.

O camponês não precisa de lamúrias, amôres farisaicos ou gratuitos atos de heroísmo. Sente aversão por estas manifestações e as despreza.

Ouvir o camponês, procurar conhecer, de um lado, como alguns o têm feito, profundamente e em pormenores a realidade objetiva do campo, e doutro a conscientização alcançada pelos seus homens, eis uma tarefa sensata e útil.

Nesta segunda secção de nosso estudo, encontrará o leitor um tímido encaminhamento da questão exatamente nesse sentido. Ouviremos noventa lavradores opinando a respeito dos problemas do campo. Saberemos quais são, no seu entender, as maiores dificuldades do camponês brasileiro em geral, e quais os seus maiores entraves em cada uma das quatro regiões delimitadas.(6)

1 — OS MAIORES PROBLEMAS DO CAMPONÊS BRASILEIRO

As considerações emitidas pelos elementos interrogados da vanguarda camponesa apontam uma situação de há muito conhecida. Todavia, para nós o importante, nesse momento, não é descobrir novidades; aliás, diga-se de passagem, as misérias, ainda que antigas, só podem ser chamadas de misérias.

O que nos preocupava, ao formularmos a pesquisa, era determinar como a vanguarda camponesa descreve a situação do campo, e em que medida tem consciência das causas que levam tal quadro à vigência.

Para satisfazer semelhante propósito fazia-se necessário encontrar uma fórmula de indagação que, dando margem a ampla liberdade de resposta, levasse a uma enumeração dos aspectos fundamentais da vida rural.

Perguntar atualmente a um lavrador brasileiro se a sua existência desenrola-se bem ou mal seria mais do que ridículo, pois se trataria de uma provocação. Errôneo também seria pedir, a cada um dos delegados, uma descrição puramente geral da vida rural no Brasil; conseguiríamos apenas juízos de valor, protestos e todo um rol de reminiscências episódicas. A única solução era partir de um fato por todos reconhecido — a vida do agricultor brasileiro é, em termos globais, muito difícil — e solicitar que fôsem apontadas, dentre tôdas as dificuldades, as maiores.

O cômputo geral das respostas obtidas configura o QUADRO XX.

O nível de conscientização da vanguarda é melhor apreendido, porém, ao evidenciar-se a correlação entre os problemas apontados e as diversas categorias de agricultores que formam a nossa amostra.

Tomemos, por motivos óbvios, apenas os tópicos mais citados no QUADRO XX e as categorias de trabalhadores mais numerosas de nossa amostragem, e averiguemos em que ordem de importância aparece, para cada uma das mencionadas categorias, cada uma das seis principais dificuldades constantes do QUADRO XX. Vislumbraremos que o problema da falta de terra atinge primordialmente meeiros e posseiros, e um pouco menos intensamente arrendatários e assalariados; que as

(6) Para dirimir eventuais dúvidas esclarecemos que para cada região opinaram apenas os delegados dela oriundos.

QUADRO XX

<i>Dificuldade do homem do campo no Brasil</i>	N.A.	%
Faltam terras aos lavradores	47	52
As doenças — falta assistência médica, hospitalar, farmacêutica etc.	45	50
A falta de assistência técnica (ferramentas, sementes, adubos etc.)	37	41
A opressão e a falta de garantias jurídicas	31	34
O analfabetismo	30	33
A fome — a falta de víveres, roupas, habitações, etc.	29	32
Falta de créditos e financiamentos	25	28
A falta de estradas e transportes	11	12
A falta de cooperativas e a exploração dos intermediários	10	11
Os salários baixos e não pagos	4	4
O latifúndio improdutivo	2	2
O regime de propriedade privada	1	1
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		90

doenças são mais apontadas pelos arrendatários e assalariados do que pelos proprietários e posseiros; por seu turno a falta de assistência técnica preocupa fundamentalmente os proprietários e só mais longinquamente os arrendatários; a falta de garantias jurídicas e as repressões e opressões patronais e governamentais têm nos assalariados seus denunciante mais sistemáticos, aparecendo secundariamente os meeiros, seguidos pelos proprietários, que apontam o analfabetismo como um dos maiores problemas do campo; a fome, simbolizando a carência de víveres, roupas, habitações etc., se bem que sentida por todos, é citada primordialmente pelos assalariados e meeiros, vindo logo a seguir os posseiros.

Uma visão de conjunto dessas considerações é oferecida pelo QUADRO XXI, onde cada categoria aparece afetada pelos problemas acima referidos, na ordem de importância a eles atribuída. (Os números que figuram no QUADRO XXI significam a colocação das dificuldades na classificação particular a cada uma das categorias.)

QUADRO XXI

	<i>Falta de terra</i>	<i>Doenças</i>	<i>Falta Assi. técnica</i>	<i>Opressões</i>	<i>Analfabetismo</i>	<i>Fome</i>
Arrendatários	2	1	3	8	5	6
Assalariados	2	1	4	1	5	3
Meeiros	1	4	5	2	3	3
Proprietários	3	2	1	5	4	5
Posseiros	1	2	4	6	5	4

2 — OS MAIORES PROBLEMAS REGIONAIS

Mais ilustrativa do que a descrição formulada para os problemas do agricultor brasileiro em geral é a oferecida para as dificuldades do trabalhador rural regional-

mente tomado. Isto poque os fatos apontados, nas quatro regiões, não colidem; pelo contrário, constata-se uma grande uniformidade de respostas. As mesmas ordens de pensamento são emitidas em tôdas as áreas, possibilitando, dessa forma, uma análise comparativa.

Vejamos, de início, quais as formulações apresentadas por cada um dos setores geográficos em que está dividida nossa amostragem.

QUADRO XXII
REGIÃO NORTE-NORDESTE

PROBLEMAS	N.A.	%
A fome — faltam víveres, roupas, habitações, etc.	11	48
A opressão e a falta de garantias jurídicas	10	43
Faltam terras aos lavradores	7	30
As doenças	7	30
A falta de condições técnicas e financeiras para explorar o solo	6	26
O analfabetismo	6	26
O clima	6	26
Os salários baixos e não pagos	1	4
O desemprego	1	4
A existência do latifúndio	1	1
A religião — impede a tomada de consciência dos problemas	1	4
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		23

QUADRO XXIII
REGIÃO LESTE

PROBLEMAS	N.A.	%
A opressão e a falta de garantias jurídicas	17	59
Falta terras aos lavradores	13	45
A fome — faltam víveres, roupas, habitações etc.	8	28
A falta de condições técnicas e financeiras para explorar o solo	6	21
O analfabetismo	6	21
As doenças	5	17
A falta de estradas e transportes	3	10
A existência do latifúndio	2	7
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		29

QUADRO XXIV
REGIÃO SUL

PROBLEMAS	N.A.	%
A opressão e a falta de garantias jurídicas	21	100
As doenças	14	67
A fome — faltam víveres, roupas, habitações etc.	11	52
O analfabetismo	6	29

A falta de condições técnicas e financeiras para explorar o solo	4	19
A falta de estradas e transportes	4	19
Faltam terras aos lavradores	3	14
Os salários baixos e não pagos	2	10
A falta de associações de classe	1	5
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		21

QUADRO XXV

REGIÃO CENTRO-OESTE

PROBLEMAS	N.A.	%
A opressão e a falta de garantias jurídicas	11	65
Faltam terras aos camponeses	9	53
As doenças	9	53
A falta de condições técnicas e financeiras para explorar o solo	8	47
O analfabetismo	5	29
A fome — faltam víveres, roupas, habitações etc.	4	24
A falta de estradas e transportes	2	12
A existência do latifúndio	1	6
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		17

Nota-se claramente que, do ponto-de-vista da consciência camponesa, os problemas, nas quatro áreas discriminadas, se assemelham profundamente, inexistindo formulações que distingam diferenças qualitativas para a situação material do agricultor nacional, em função de sua localização geográfica.

Tal paralelismo de opiniões oferece-nos a oportunidade de um confronto entre os comportamentos regionais, dando margem a uma visualização, ainda que seja pela rama, da colocação hierárquica das zonas geográficas, do ponto-de-vista do nível de desenvolvimento da consciência de suas vanguardas políticas.

Estruturemos, antes de mais nada, o QUADRO XXVI, onde cada um dos seis principais problemas, válidos para tôdas as áreas, estão quantificados segundo a intensidade com que se formam, tomados pelos representantes dessas mesmas regiões territoriais.

QUADRO XXVI

PROBLEMAS	Norte-Nordeste %	Leste %	Sul %	Centro-Oeste %
A opressão e a falta de garantias jurídicas	43	59	100	65
As doenças	30	17	67	53
A fome	48	28	52	24
Faltam terras aos agricultores	30	45	14	53
Faltam condições técnicas e financeiras para explorar o solo	26	21	19	47
O analfabetismo	26	21	29	29

Examinando o teor das principais dificuldades que entravam a vida rural, segundo a concepção da vanguarda camponesa, poderemos concluir que o problema da *opressão e da inexistência de garantias jurídicas* é, relativamente aos demais, o de conteúdo político mais rico(7), uma vez que todos os outros retratam apenas uma situação, crucial é verdade, sem, no entanto, ultrapassar o nível da constatação e, por assim dizer, do protesto, deixando de relacionar o lavrador com as demais classes e camadas sociais do campo, e não lembrando nunca da existência do Estado.

Ora, grande é a diferença entre constatar somente um fato, principalmente quando êle é um dos aspectos do pauperismo em que penosamente se sobrevive, e enunciar, mesmo em termos rudimentares, um quadro em que se configuram e relacionam oprimidos e opressores. Trata-se, ao que nos parece, de dois níveis bem distintos de consciência.

Se podemos, então, efetivamente tomar, para o nosso caso, o problema da *opressão e da falta de garantias jurídicas* como critério de julgamento do nível de consciência política dos componentes da nossa amostragem, concluiremos que os delegados da região Sul são os mais evoluídos, em contraposição aos da região Norte-Nordeste que materializam exatamente o pólo inverso, dado que a totalidade dos primeiros se referiu, de um ou de outro modo, à questão que elegemos como critério, ao passo que dos últimos apenas 43% a ela se reportou (vide QUADRO XXVI). Curioso, aliás, é observar que a porcentagem dos delegados que mencionam o referido item cresce à medida que se avança do norte para o sul do País.

Teremos oportunidade de encontrar, na terceira parte desse estudo, alguns outros fatos que, de certa maneira, corroboram o exposto acima.

Não nos é permitido, nos limites de nossa investigação, voltarmos a insistir, tentar a explicação dos eventos registrados, como bem merece, devido à sua evidente importância, à que acabamos de aludir.

À guisa apenas de indicação gostaríamos de nos referir, no sentido de enquadrar um pouco a questão, de um lado às relações de produção no campo que, no Sul, vem de certa forma, ganhando um estágio de desenvolvimento relativamente superior às demais regiões, particularmente em relação à área que denominamos Norte-Nordeste, e doutro aos tipos de organização de massa que num e noutro local dirigem e garantem o movimento camponês. As entidades classistas do Sul, devido à sua maior proximidade das áreas mais proletarizadas do País, e tendo sido, na maior parte das vezes, fundadas com a cooperação ideológica do movimento operário, têm executado um trabalho, cujo conteúdo se tem aproximado da consequência da ação dos sindicatos de trabalhadores urbanos, ao passo que as "ligas camponesas", parece-nos, configuram, atualmente, um primeiro estágio da organização das massas, ainda um tanto quanto fluido ideologicamente, sendo seu propalado caráter explosivo

(7) *Opressão e falta de garantias jurídicas* é a forma abreviada pela qual estamos designando um complexo de idéias, emitidas pelos delegados entrevistados, que expressas menos sinteticamente são a denúncia das opressões e violências dos donos de terras abastadas, da omissão e das repressões governamentais, da falta de leis do trabalho no campo, das batalhas pela conservação das pequenas propriedades contra a ação dos grileiros, e outras formulações do tipo.

mais um reflexo da revolta geral do homem nordestino do que o resultado prático da conscientização positiva de uma realidade política e econômica.

C — NÍVEL DE POLITIZAÇÃO DA VANGUARDA

A análise, que estamos fazendo da consciência política da vanguarda camponesa, versou, na secção anterior, sobre a concepção dos problemas do lavrador brasileiro tomado, de um lado genericamente, isto é, sem preocupação de sua filiação geográfica, e doutro precisamente do ponto-de-vista regional.

Nesta terceira parte da exposição veremos, por assim dizer, a complementação necessária daquelas considerações, pois, tratar-se-á de apreender o que a vanguarda política do campo considera importante realizar e o que tem feito para dar solução aos problemas que são seus e de seus liderados. Apreciaremos também que tipo de participação reivindica das demais camadas populares da nação para efetivar tais medidas.

Examinaremos preliminarmente alguns dados numéricos referentes ao tempo de militância dos delegados entrevistados, e ao número e tempo de existência das associações de classe.

1 — TEMPO DE MILITÂNCIA DOS DELEGADOS

Transparece claramente que a vanguarda política do campo é composta primordialmente por dois grupos de militantes: os recém-ingressos no movimento(30%), e os que já têm um ativo de lutas já bastante longo(20%); entre os dois medeia um agrupamento de ativistas que engrossando secundariamente tanto um como outro contingente praticamente conserva a divisão indicada. Por recém-ingressos entendemos os que não têm ainda um ano de militância, e por ativistas de experiência já ponderável os que estão empenhados no trabalho há mais de dez anos.

O QUADRO XXVII registra com pormenores a distribuição dos delegados por anos de militância, introduzida também a variável geográfica.

QUADRO XXVII

TEMPO	Total		Norte-Nordeste		Leste		Sul		Centro-Oeste	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
De 1 a 3 meses	20	23	5	21	6	21	1	5	8	47
De 4 a 7 "	3	3	—	—	—	—	1	5	2	12
De 8 a 11 "	4	4	2	9	1	3	1	5	—	—
De 1 a 2 anos	12	14	4	17	3	10	5	24	—	—
De 3 a 4 "	4	4	2	9	2	7	—	—	—	—
De 5 a 10 "	20	23	5	21	7	24	7	33	1	6
De 11 a 15 "	8	9	—	—	3	10	2	9	3	17
De 16 a 20 "	11	12	3	14	4	15	3	14	1	6
De 21 a 30 "	4	4	—	—	2	7	—	—	2	12
Mais de 30 "	4	4	2	9	1	3	1	5	—	—
SOMA	90	100	23	100	29	100	21	100	17	100

Reduzindo as categorias de tempo da tabela anterior a apenas duas, uma englobando os militantes com atividades de no máximo quatro anos, e a outra representando os lavradores atuantes há cinco ou mais anos, verificaremos que o agrupamento mais experiente, por estar em funcionamento há mais tempo, é o da região Sul, seguido de perto por outro pertencente à região Leste, em oposição aos representantes das áreas Centro-Oeste e Norte-Nordeste que são os delegados possuidores de menor período de tempo de atuação da amostra. (Vide QUADRO XXVIII)

QUADRO XXVIII

	Até 4 anos	5 e mais anos
	%	%
Norte-Nordeste	56	44
Leste	41	59
Sul	39	61
Centro-Oeste	59	41
AMOSTRA GERAL	48	52

2 — IDADE DAS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE A QUE PERTENCEM OS ENTREVISTADOS

Excluídos os 17% de delegados que pertencem a locais onde ainda não existem associações de classe(8), e também os 9% que não sabem a idade de suas organizações, constata-se que 60% das entidades representadas têm no máximo quatro anos de vida, 33% estão em funcionamento de cinco a dez anos e apenas 7% foram organizadas há mais de dez.

A configuração em cada área geográfica apresenta características próprias, como pode ser observado no QUADRO XXIX, devendo ressaltar-se que apenas a região Leste foi representada por entidades de idade superior a um decênio, e que a região Sul apresenta, ao que parece, o maior índice de formação de novas associações (38% de entidades com menos de doze meses de existência).

QUADRO XXIX

IDADE DAS ASSOCIAÇÕES	Total		Norte-Nordeste		Leste		Sul		Centro-Oeste	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
Até 1 ano	20	30	5	28	5	23	6	38	4	26
De 1 a 4 anos	20	30	4	22	8	36	7	43	1	9
De 5 a 10 "	22	33	9	50	4	18	3	19	6	55
De mais de 10 anos	5	7	—	—	5	23	—	—	—	—
SOMA	67	100	18	100	22	100	16	100	11	100

(8) Os 17% referem-se à totalidade da amostra. A proporção regional é a seguinte: 4% na região Norte-Nordeste, 10% na Sul, 21% na Leste e 35% na Centro-Oeste.

3 — CARGOS OCUPADOS NAS ASSOCIAÇÕES PELOS DELEGADOS ENTREVISTADOS

a) Como já esclarecemos, 17% dos delegados interpelados não pertencem a associações de classe, dêsse modo, para êste tópico, a nossa amostragem fica reduzida para 75 elementos.

Pelo QUADRO XXX o leitor inteirar-se-á da porção de delegados que pertencem, em cada região, às diretorias de suas entidades. Notar-se-á que a referida proporção é maior nas áreas Centro-Oeste e Sul, do que nas Leste e Norte-Nordeste.

QUADRO XXX

DELEGADOS QUE OCUPAM CARGOS NAS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

	Total		Norte-Nordeste		Leste		Sul		Centro-Oeste	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
SIM	35	47	7	32	10	43	10	33	8	73
NÃO	40	53	15	68	13	57	9	47	3	27
SOMA	75	100	22	100	23	100	19	100	11	100

b) Portanto, tão-somente 39% da amostra geral faz parte da direção de suas respectivas entidades de classe, o que equivale a 47% dos delegados filiados a associações do gênero.

Vejamos agora, através do QUADRO XXXI, a distribuição desses elementos pelos diferentes postos de uma diretoria.

QUADRO XXXI

CARGOS OCUPADOS PELOS DELEGADOS

	Total		Norte-Nordeste		Leste		Sul		Centro-Oeste	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
Presidente	14	40	2	29	5	50	5	50	2	25
Vice-Presidente	6	18	—	—	1	10	3	30	2	25
Secretário	5	14	3	43	1	10	1	10	—	—
Tesoureiro	4	11	—	—	1	10	1	10	2	25
Membro do Conselho Fiscal	5	14	1	14	2	20	—	—	2	25
Delegado de Organização	1	3	1	14	—	—	—	—	—	—
SOMA	35	100	7	100	10	100	10	100	8	100

4 — MEDIDAS QUE DEVEM SER TOMADAS PARA SOLUCIONAR OS PROBLEMAS DO CAMPO

a) Na segunda parte desta exposição (A Concepção da Vanguarda dos Problemas do Homem do Campo) enunciamos a visão da liderança camponesa do panorama rural brasileiro em geral, através da indicação dos aspectos julgados por ela os mais graves.

É reportando-se àquelas informações que devem ser examinadas as que agora forneceremos.

Notará o leitor, por intermédio da análise cuidadosa do QUADRO XXXII, que o encaminhamento da solução da questão rural do Brasil, segundo o ponto-de-vista de sua vanguarda, envolve e relaciona prescrições de várias ordens, pontificando as

de caráter político e assistencial, figurando com especial relêvo a "reforma agrária." Esta expressão, quase sempre citada em companhia de outras formulações, usadas estas como desdobramentos explicativos, é empregada com múltiplos sentidos. Não somente cada uma das categorias de trabalhadores a utiliza como fórmula sintética de suas próprias e específicas reivindicações, mas também cada um dos delegados ouvidos, dela lança mão quando pretende afirmar a necessidade de inúmeras transformações na vida em geral das áreas rurais, e evidentemente as mudanças cujas imagens sido melhor formuladas, correspondem às necessidades e opiniões. Se algum denominador comum pode ser encontrado entre as muitas citações da expressão "reforma agrária" ele é a configuração da esperança de vir a ter, de alguma forma, um pedaço de terra.

QUADRO XXXII

MEDIDAS A SEREM TOMADAS IMEDIATAMENTE PARA CORRIGIR A
SITUAÇÃO DAS ÁREAS RURAIS, SEGUNDO A OPINIÃO
DA VANGUARDA CAMPONESA

MEDIDAS	N.A.	%
A Reforma Agrária	58	64
Estabelecimento de assistência técnica e financeira, bem como de medidas governamentais de proteção geral	24	26
A obtenção de terras. Aproveitamento das terras abandonadas e devolutas	16	17
O fornecimento de assistência médica	13	14
Promover a união dos homens do campo e travar a luta por suas reivindicações	13	14
Alfabetizar o lavrador	12	13
Formar cooperativas	9	10
Obter garantias jurídicas; uma legislação trabalhista para o campo	7	8
Eliminar o latifúndio	4	4
Encampar as firmas estrangeiras, eliminando, assim, os monopólios que agem nas zonas rurais	4	4
Sindicalizar o homem do campo	3	3
Fazer a revolução	3	3
Obter o direito de voto para os analfabetos	1	1
Realizar outros congressos de camponeses	1	1
Criar departamentos femininos nas associações de classe	1	1
Não sabem direito	3	3
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		90

b) Fundamental também é conhecer o que cada categoria de trabalhadores rurais considera possível realizar, na busca da efetivação das medidas propostas.

Vejamos, de início, pela leitura do QUADRO XXXIII, o que o movimento camponês, independentemente dos tipos de lavradores que o compõem, se julga capaz de fazer, nesta altura de seu processo evolutivo.

Constatar-se-á uma grande preocupação em organizar as massas, a nascente intenção de tornar aliados seus, outras classes e camadas sociais, bem como a nítida disposição de lutar por suas reivindicações.

QUADRO XXXIII

O QUE O MOVIMENTO CAMPONES PODE FAZER ATUALMENTE PELA
CONCRETIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES QUE JULGA
NECESSÁRIAS NO CAMPO

	N.A.	%
Promover a união de todos os trabalhadores do campo	31	34
Exigir que sejam atendidas suas reivindicações, através de lutas, pressões (inclusive ao governo) e outros meios adequados	27	30
Organizar associações de classe	11	12
Buscar pacificamente a solução de seus problemas; negociar com os donos de terras; aguardar a libertação das mesmas. Mas caso não seja atendido obter tudo o que é preciso pela força	7	8
Unir-se aos operários	6	7
Unir-se aos estudantes	6	7
Fazer a revolução	6	7
Procurar apoio jurídico para suas reivindicações. Obter a regulamentação das relações de trabalho no campo	5	6
Debater os problemas com todos os camponeses, buscando conscientizar e educar	4	4
Os que estão melhor de vida devem ajudar os que estão em situação pior	2	2
Não sabem direito o que pode ser feito	20	22
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES	90	

Examinemos agora o comportamento individual das diversas categorias (tomaremos apenas aquelas que em nossa amostra são as maiores numericamente) em face da questão.

Evidencia-se muito claramente que assalariados, arrendatários e meeiros formulam propostas superiores a de seus companheiros proprietários e posseiros, pelo menos a diferença de intensidade das respostas de mesmo tipo entre tais grupos é notória.

Muito importante é registrar que são justamente as categorias de proprietários e posseiros as que contêm o maior número de elementos incapazes de exprimir as tarefas que atualmente cumpre executar. (Vide QUADRO XXXIV)

QUADRO XXXIV

O QUE CADA CATEGORIA PODE FAZER ATUALMENTE PELA
CONCRETIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES QUE JULGA
NECESSÁRIAS NO CAMPO

	<i>Arrenda- tários</i>	<i>Assala- riados</i>	<i>Meeiros</i>	<i>Proprie- tários</i>	<i>Possuiros</i>
	%	%	%	%	%
Unir-se às outras categorias de trabalhadores do campo	50	29	58	31	25
Exigir que sejam atendidas suas reivindicações, através de lutas, pressões (inclusive ao govêrno) e outros meios adequados	31	35	33	8	25
Organizar-se em associações de classe	6	29	8	—	33
Buscar pacificamente a solução de seus problemas; negociar com os donos de terras; aguardar a libertação das mesmas. Mas caso não seja atendida obter tudo o que é preciso pela força	13	6	8	15	8
Unir-se aos operários	13	6	17	—	—
Unir-se aos estudantes	19	—	17	—	—
Fazer a revolução	19	—	17	—	8
Procurar apoio jurídico para suas reivindicações. Obter a regulamentação das relações de trabalho no campo	—	24	—	—	—
Debater os problemas com os componentes da categoria, buscando conscientizar e educar	6	6	—	8	—
Ajudar os que estão em situação pior	—	—	—	15	—
Não sabem direito	6	18	—	46	33
NÚMERO DE RESPONDENTES POR CATEGORIA	16	17	12	13	12

5 — ATIVIDADES QUE AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE
ESTÃO DESENVOLVENDO NO MOMENTO

Realmente importantes e ilustrativos são os dados colhidos nos limites do assunto em epígrafe. São a resposta prática, em termos imediatos, dos homens do campo à situação que eles próprios enunciam da existência camponesa em geral. É o retrato de um processo que se iniciou há pouco, mas que tem, pelo menos nebulosamente e a grosso modo, fixados os seus objetivos principais. Muito há ainda a ser feito, e disso tem razoável consciência a vanguarda camponesa, mas convicção ainda maior possui do pleno êxito de seu empreendimento. Ninguém que esteve em Belo Horizonte, por mais insensível e obtuso que seja, deixou de reconhecer semelhante fato, prazerosa ou desprazerosamente.

Como se vê pelo QUADRO XXXV, os trabalhos realizados pelas entidades de classe são de duas ordens: de um lado encontramos atividades eminentemente políticas, e doutro empreendimentos de tipo assistencial, que vão desde ensinamentos que ferem e redundam em questões políticas (assistência jurídica) até a simples assistência social, puramente caritativa.

Os dois tipos de realizações são desenvolvidas nas associações de classe das quatro zonas geográficas discriminadas, porém com força e importância variáveis.

QUADRO XXXV

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS ATUAL-
MENTE PELAS ASSOCIAÇÕES
DE CLASSE

	Total		Norte-Nordeste		Leste		Sul		Centro-Oeste	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
Organiza reuniões. Esclarece os camponeses. Mostra a necessidade de união de todos os trabalhadores do campo. Auxilia na formação de novas associações	37	49	7	32	14	61	12	63	4	36
Procura assultir juridicamente os associados	16	21	3	14	6	26	6	32	1	9
Procura dar assistência médica	14	19	4	18	4	17	5	26	1	9
Faz propaganda da Reforma Agrária	13	17	4	18	1	4	5	26	3	27
Assiste de um modo geral ao homem do campo, inclusive econômica e caritativamente. Busca formar cooperativas	8	11	4	18	3	13	—	—	1	9
A associação apenas está iniciando seus trabalhos. Até agora apenas se preparou para o Congresso	6	8	1	5	1	4	1	5	3	27
Tenta alfabetizar	5	7	3	14	1	4	—	—	1	9
Não Sabem direito	6	8	4	18	1	4	—	—	1	9
NÚMERO DE RESPONDENTES POR REGIÃO GEOGRÁFICA	75		22		23		19		11	

É evidente o predomínio nas regiões Sul e Leste, principalmente na primeira, do trabalho de caráter político; por outro lado as regiões Norte-Nordeste e Centro-Oeste, apesar de se dedicarem mais também às tarefas politizantes, sem no entanto atingirem a potência das anteriores, dedicam particular atenção ao trabalho assistencial, ou melhor enfatizam-no mais, em termos relativos, do que as vanguardas sulinas e da zona leste. Aliás, constata-se com toda a nitidez que, ao atingir o trabalho assistencial um nível superior (assistência jurídica), as áreas Norte-Nordeste e Centro-Oeste situam-se muito aquém das outras duas.

Tais considerações reafirmam as conclusões do parágrafo 2.º da segunda secção de nosso estudo, segundo as quais a vanguarda sulina é atualmente a mais desenvolvida politicamente.

6 — OPERÁRIOS, ESTUDANTES E A VANGUARDA CAMPONESA

Já não constitui, de um modo geral, segredo para a vanguarda política do campo, que os operários e os estudantes brasileiros são amigos naturais do movimento camponês.

Sabem, ou pelo menos vislumbram, também a existência de interesses comuns entre essas parcelas sociais, intuindo, em consequência, que uma mútua colaboração possa ser estabelecida.

Indagada, porém, sobre as fórmulas de participação, isto é, a respeito do que operários e estudantes possam fazer para ajudar o movimento camponês, as respostas traduzem ponderável insegurança, refugiando-se boa parte dos delegados questionados em formas vagas e fluidas, como a expressão — unir com os camponeses — (9).

Todavia inúmeras foram as respostas concretas e de conteúdo bem determinado, como se pode apreciar nos QUADROS XXXVI e XXXVII.

QUADRO XXXVI

O QUE OS OPERÁRIOS PODEM FAZER PARA AJUDAR O HOMEM DO CAMPO

	N.A.	%
Unir-se com os camponeses	52	58
Dar colaboração, solidariedade e apoio	15	17
Escolar politicamente. Transmitir experiências. Discutir em conjunto problemas agrários. Líderes sindicais devem visitar o campo	17	19
Greves de protesto, manifestações de massa, assembleias etc.	9	10
Exigir leis trabalhistas para o campo	5	6
Ajuda econômica	5	6
Reivindicar e ajudar a formação de cooperativas	3	3
Não sabem direito	5	6
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		90

(9) Não estamos com isto querendo dizer que a unidade operário-camponesa seja algo de vago ou fluido. Afirmamos unicamente que ao fazerem menção a esta idéia os delegados deixaram transparecer que dela têm uma noção elementar e imprecisa.

QUADRO XXXVII

O QUE OS ESTUDANTES PODEM FAZER PARA AJUDAR
O HOMEM DO CAMPO

	N.A.	%
Unir-se com os camponeses	44	49
Dar colaboração, solidariedade e apoio	37	30
Esclarecer e propagar idéias, participar de reuniões de camponeses, fazer propaganda da Reforma Agrária	25	28
Dar cobertura escolar	10	11
Lutar pelas liberdades democráticas, fazer greves e pressionar o govêrno	6	7
Dar cobertura jurídica	4	4
Reivindicar e fazer criar cooperativas	1	1
Ajudar econômicamente	3	3
Dar assistência médica	1	1
Estudar para poder dar assistência aos camponeses, quando forem chamados	2	2
Os estudantes não têm feito quase nada, não podem fazer quase nada	5	6
Não sabem direito	4	4
NÚMERO TOTAL DE RESPONDENTES		90

Cumprê ressaltar que são os assalariados e os arrendatários aquêles que melhor visualizam o que podem os operários oferecer à luta camponesa, nesta altura de seu desenvolvimento; seguem-nos posseiros e meeiros, completando a lista os pequenos proprietários, dentre os quais encontramos o principal agrupamento que solicita dos operários ajuda financeira.

Em relação aos estudantes ocorre um comportamento semelhante, com a única diferença de que são os posseiros os que mais dificuldades encontram para visualizar o problema sob êste aspecto.

NOTA FINAL

Temos plena consciência das insuficiências do trabalho apresentado; suas lacunas são de uma notoriedade agressiva, principalmente no que se refere às formulações que buscam certos fenômenos. Todavia, voltamos a frisar, nossa preocupação maior residuiu em dar início a um exame sistemático das características da vanguarda camponesa, criando, assim, possibilidades para investigações que partirem já de uma base mais ou menos segura, e que contivesse também já expressas algumas questões bem determinadas. Em última análise, fizemos um levantamento de problemas.

Levar adiante o estudo é o propósito do CPC, e muito satisfeito ficaria se das mais diferentes regiões do País surgissem elementos que se dispusessem a ajudá-lo, pois unicamente, assim, poderá levar a cabo seu objetivo.

Por outro lado acreditamos que a contribuição feita impõe, de imediato, uma maior cautela aos que discutem os estágios de desenvolvimento do movimento camponês em termos de comparações regionais. Desmoralizadas ficam, de alguma forma, as explorações que faz a classe dominante do "barril de pólvora nordestino", ao mesmo tempo que um pouco mais de bom-senso há de se esperar dos "revolucionários verbais" de certo tipo.